

O colapso da dicotomia entre fato e valor

e outros ensaios

Hilary Putnam

Tradução



Pablo Rubén Mariconda

Sylvia Gemignani Garcia



ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA

São Paulo, 2024

ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA

DIRETORIA EDITORIAL

Pablo Rubén Mariconda (USP-Br)

VICE-DIRETORIA EDITORIAL

Plínio Junqueira Smith (Unifesp-Br)

Sylvia Gemignani Garcia (USP-Br)

CONSELHO EDITORIAL

Antonio Augusto Passos Videira (UFRJ-Br)

Eduardo Alejandro Barrio (UBA-Ar)

Eleonora Orlando (UBA-Ar)

Gustavo Andrés Caponi (UFSC-Br)

Hugh Lacey (Swarthmore College-EUA)

Ivan Domingues (UFMG-Br)

Jelson Oliveira (PUCPR-Br)

João Príncipe (UE-Pt)

Jose Diez (UB-Esp)

José Luís Garcia (UL-Pt)

Leopoldo Waizbord (USP-Br)

Luciana Zaterka (UFABC-Br)

Marco Antonio de Ávila Zingano (USP-Br)

Marcos Barbosa de Oliveira (USP-Br)

Maria Cecília Leonel Gomes dos Reis (UFABC-Br)

Olival Freire (UFBA-Br)

Oswaldo Pessoa Junior (USP-Br)

Pablo Lorenzano (UNQ-Ar)

Patrícia Kauark (UFMG-Br)

Paulo Faria (UFRS-Br)

Roberto Bolzani Filho (USP-Br)

Silvia Alejandra Manzo (UNLP-Ar)

Silvio Seno Chibeni (Unicamp-Br)

Vicente Sanfélix-Vidarte (UV-Esp)

www.scientiaestudia.org.br/editora

Copyright © Associação Filosófica Scientiae Studia, 2024

Copyright © 2002 by the President and Fellows of Harvard College

Published by arrangement with Harvard University Press

Título original: The collapse of the fact/value dichotomy and other essays

PROJETO EDITORIAL: Associação Filosófica Scientiae Studia

DIREÇÃO EDITORIAL: Pablo Rubén Mariconda

REVISÃO: Plínio Junqueira Smith; Sylvia Gemignani Garcia.

DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA: Leticia Freire

Coleção de Estudos sobre a Ciência e a Tecnologia

EDITORES: Pablo Rubén Mariconda & Sylvia Gemignani Garcia

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

P993 Putnam, Hilary.
O colapso da dicotomia entre fato e valor e outros ensaios / Hilary Putnam; tradução Pablo Rubén Mariconda e Sylvia Gemignani Garcia.
-- São Paulo : Associação Filosófica Scientiae Studia, 2024.
238 p.

ISBN 978-65-86595-16-7

1. Filosofia da ciência. 2. Valores. 3. Fatos (filosofia). I. Título. II. Mariconda, Pablo Rubén. III. Garcia, Sylvia Gemignani.

CDD 121.8



Associação Filosófica *Scientiae Studia*

Rua Doutor Cícero de Alencar, 131

05580-080 – São Paulo, SP

www.scientiaestudia.org.br

Para VIVIAN WALSH

Em agradecimento, não só pelas sugestões, críticas
e incentivo, mas também pela amizade e conversas
maravilhosas durante quase meio século.

} SUMÁRIO

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA • 9

PREFÁCIO • 11

INTRODUÇÃO • 15

PRIMEIRA PARTE. O COLAPSO DA DICOTOMIA ENTRE FATO E VALOR

CAPÍTULO 1. O pano de fundo empirista • 21

1.1 Uma distinção não é uma dicotomia: o analítico e o sintético • 24

1.2 A história da dicotomia fato/valor • 30

1.3 O lado “fático” da dicotomia • 39

1.4 A pobreza da concepção de linguagem do positivismo lógico • 45

CAPÍTULO 2. A imbricação de fato e valor • 51

2.1 Os valores epistêmicos também são valores • 54

2.2 A diferença entre valores epistêmicos e valores éticos (e por que sua significação não deve ser mal interpretada) • 55

2.3 Conceitos éticos “espessos” • 58

2.4 Por que somos tentados pela dicotomia fato/valor • 71

2.5 Até a próxima vez • 73

CAPÍTULO 3. Fato e valor no mundo de Amartya Sen • 75

3.1 Sen, Adam Smith e a “segunda fase” da economia clássica • 76

3.2 Ética e economia • 79

3.2.1 É preciso ser egoísta para ser racional? • 79

3.2.2 As motivações dos atores econômicos • 80

3.2.3 Critérios de desempenho econômico e de bem-estar social • 83

3.3 O enfoque das capacidades • 89

Conclusão: novamente, a imbricação • 94

SEGUNDA PARTE. RACIONALIDADE E VALOR

CAPÍTULO 4. O início “prescritivista” de Sen • 103

4.1 Os juízos de valor implicam imperativos? • 107

4.2 “Termos secundariamente avaliativos” • 109

4.3 As razões na discussão ética • 112

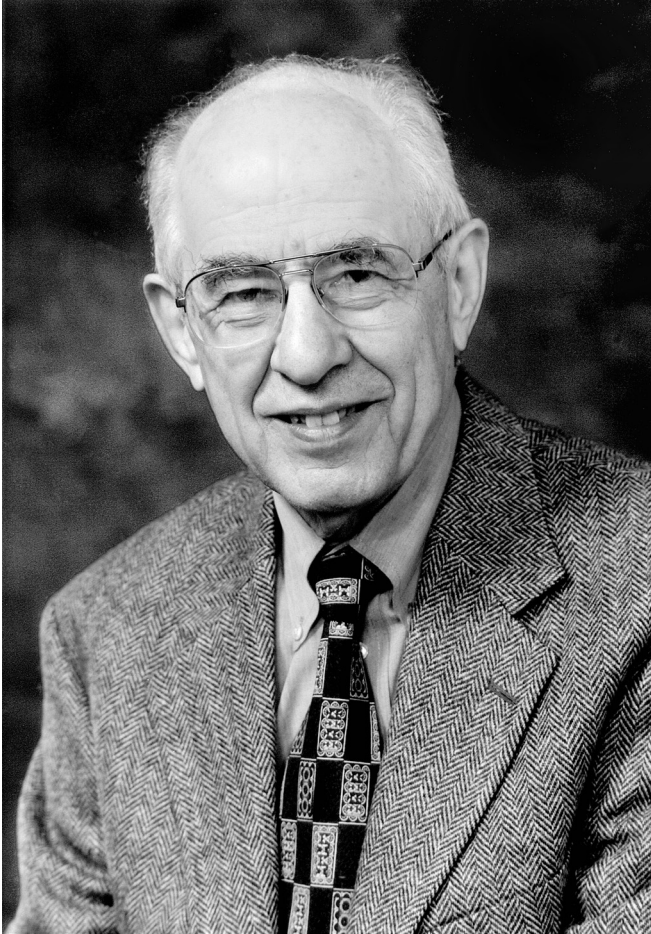
CAPÍTULO 5. Sobre a racionalidade das preferências	• 119
5.1 A teoria da preferência racional	• 119
5.2 A preocupação com a autonomia é realmente racional?	• 125
5.3 Querer razões é racional?	• 129
5.4 Razões internas e externas	• 132
Conclusão	• 138
CAPÍTULO 6. Os valores são criados ou descobertos?	• 143
6.1 Uma visão deweyana da avaliação	• 144
6.2 Rorty e Dewey	• 145
6.3 Algumas objeções reducionistas à teoria do valor de Dewey	• 150
6.4 Verdade e assertividade garantida	• 156
6.5 Em resumo	• 160
CAPÍTULO 7. Valores e normas	• 163
7.1 Uma breve descrição da posição de Habermas	• 166
7.2 A dicotomia “nomas/valores” é problemática	• 170
7.3 A evasiva de Bernard Williams	• 174
7.4 A “ética discursiva” evita esse problema?	• 176
7.5 Apel e Peirce têm uma teoria errada da verdade	• 180
7.6 O enfoque apeliano da verdade ética e suas dificuldades	• 182
7.7 Por que, afinal, as pessoas querem relativizar ou “naturalizar” os valores?	• 190
Conclusão	• 194
CAPÍTULO 8. A evasão dos valores por parte dos filósofos da ciência	• 197
Conclusão	• 210
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	• 213
ÍNDICE DE TERMOS	• 229
ÍNDICE DE NOMES	• 235

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Esta edição de *O colapso da dicotomia entre fato e valor e outros ensaios* contém duas modificações de formato com relação à edição americana original de 2002, das quais cabe alertar o leitor. A primeira modificação é a elaboração da bibliografia, posta ao final do livro, a partir das referências que estavam nas notas, o que dificultava encontrar as obras citadas ou referidas nas discussões de Putnam, uma vez que estavam espalhadas pelos capítulos. As referências foram ajustadas ao padrão de *Scientiae Studia* e inseridas no corpo do texto ou das notas. Eliakim Ferreira Oliveira introduziu na bibliografia as referências daquelas obras que têm edições em português. A segunda modificação diz respeito ao índice remissivo do final que mesclava nomes e termos, e mesmo as principais obras referidas, sem que se pudesse discernir uma ordem, dificultando a consulta. O índice original foi então separado em Índice de termos e Índice de nomes, conforme a prática de *Scientiae Studia*, sendo ambos organizados em ordem alfabética. Novamente, Eliakim Ferreira Oliveira completou os índices com a introdução das páginas.

Esperamos que essas modificações facilitem a leitura desta importante obra de Hilary Putnam, escrita na confluência entre a filosofia da ciência e a ética.

OS EDITORES



Hilary Putnam
(1926-2016)

Fonte autorizada: Wikimedia Commons

PREFÁCIO

A Primeira Parte deste volume está composta das conferências que proferi a convite da Fundação Rosenthal e da Faculdade de Direito da Universidade Northwestern em novembro de 2000. Essas conferências detalham o questionamento da dicotomia entre fato e valor, tal como historicamente desenvolvida e defendida, e explicam sua significação, particularmente para a economia. Sei que se originam questões muito similares no direito mas, consciente de minhas próprias limitações, não tentei documentá-las.

Durante os dez anos que Amartya Sen foi meu colega na Universidade de Harvard, vim a apreciar não apenas sua inteligência brilhante (o que lhe conferiria o Prêmio Nobel em economia pouco depois de ter trocado Harvard pelo Trinity College, Cambridge) e seu idealismo, mas também a importância do que ele chama do enfoque das “capacidades” para a economia do bem-estar, para enfrentar aquele que é talvez o maior problema posto para a humanidade em nossa época, o problema das imensas disparidades entre as partes mais ricas e as mais pobres do globo. No coração desse enfoque está a percepção de que as questões de desenvolvimento econômico e as questões da teoria ética simplesmente não podem ser separadas. Ao longo de sua carreira, Sen tem bebido em ambas as fontes da economia matemática e da filosofia moral, incluindo as concepções do florescimento humano.

Entretanto, a maioria da filosofia analítica da linguagem e muito da metafísica e da epistemologia analítica têm sido abertamente hostil à fala do florescimento humano, considerando-a como inescapavelmente “subjetiva” – relegando frequentemente toda a ética, de fato, à lata de lixo da categoria da subjetividade.

Além disso, a economia com muita frequência gabou-se de evitar “suposições metafísicas”, enquanto positivamente engole a metafísica lógico-positivista – um estado de coisas que foi brilhantemente analisado e criticado por Vivian Walsh em *Rationality, allocation and reproduction*. (Ninguém deve sentir-se desanimado pelo título proibitivamente técnico do livro de Walsh. Imagine-se que seu título é simplesmente: *Rationality and economics*! Em minha opinião, o livro deve ser lido por todos os interessados na questão. Não posso deixar de recomendar também seu livro mais antigo, *Scarcity and evil*, de 1961.) Walsh e eu temos sido grandes amigos por quase cinquenta anos e, há muito tempo, ele chamou minha atenção para o lamentável estado de coisas na economia. Quando recebi o convite da Faculdade de Direito da Universidade Northwestern para proferir as Conferências Rosenthal em novembro de 2000, pareceu-me – e Walsh incentivou-me enormemente nisso – que essa era a oportunidade perfeita para apresentar uma refutação detalhada da concepção de que “fato é fato e valor é valor e os dois nunca se encontrarão”, uma concepção que implica que o empreendimento de Sen, de aproximar a economia da ética, é logicamente impossível. Era também uma oportunidade para apresentar uma filosofia da linguagem muito diferente daquela do positivismo lógico, que faz a empresa seniana parecer impossível. Obviamente, é claro que desenvolver uma visão menos cientificista da racionalidade – uma visão que nos permite ver como o raciocínio, longe de ser impossível nas áreas normativas, é, de fato, indispensável para elas, e entender como os juízos normativos estão pressupostos em todos os raciocínios – é importante não somente na economia, mas – como viu Aristóteles – em tudo na vida.

Tal como explicado na Introdução, além das Conferências Rosenthal, que foram apenas ligeiramente revisadas (em particular: embora elas sejam agora chamadas “capítulos” e não “conferências”, eu espero que o leitor ainda possa sentir que está ouvindo as conferências enquanto as lê), reuni aqui também aqueles dos meus mais recentes ensaios que se ligam diretamente aos argumentos das Conferências Rosenthal e ajudam a desenvolvê-los.

Como sempre, este livro foi lido com cuidado por James Conant e Ruth Anna Putnam. Suas questões críticas e sugestões valiosas foram muito úteis na revisão das Conferências Rosenthal. Portanto, este livro tem, na verdade, quatro padrinhos: Conant, Sen, Walsh e Ruth Anna.

Cambridge, Massachusetts
HARVARD UNIVERSITY, 2002

INTRODUÇÃO

A ideia de que “juízos de valor são subjetivos” é uma tese da filosofia que veio a ser gradualmente aceita por muitas pessoas, como se fizesse parte do senso comum. Nas mãos de pensadores sofisticados, essa ideia pode ser, e foi, desenvolvida de diferentes maneiras. Tratarei daquelas que sustentam que “enunciados de fato” são capazes de ser “objetivamente verdadeiros” assim como “objetivamente garantidos”, enquanto os juízos de valor, segundo esses pensadores, são incapazes de verdade objetiva e de garantia objetiva. Segundo os mais extremados proponentes de uma nítida dicotomia entre fato e valor, os juízos de valor estão completamente fora da esfera da razão. Este livro tenta mostrar que, desde o início, essas visões baseiam-se em argumentos insustentáveis e em dicotomias superinflacionadas. Veremos que esses argumentos insustentáveis tiveram, no século XX, consequências importantes “no mundo real”.

Embora eu tenha criticado a dicotomia entre fato e valor em capítulos de livros anteriores, esta é a primeira vez que tento examinar a história da dicotomia, de David Hume até o presente, e seus efeitos concretos, particularmente na ciência econômica. Escolhi a economia porque ela é uma ciência política – os economistas aconselham diretamente as organizações governamentais e não governamentais – e porque debateu vivamente a questão por muitas décadas – precisamente, a questão deste livro, a questão de se os “fins”, isto é, os valores, podem ou não podem ser racionalmente discutidos ou, para falar de outro modo, se existe uma noção de racionalidade aplicável às questões normativas. Outra razão é que, embora, em certo momento, a visão corrente na economia fosse, precisamente, a visão que este livro ataca,

aquela segundo a qual, como dizia Lionel Robbins, “não há lugar para argumento” quando os valores estão em jogo, por outro lado, um dos maiores economistas do mundo, Amartya Sen (ver as citações no capítulo 3) concebeu e propôs, durante muitos anos, um questionamento poderoso a favor da necessidade, e da possibilidade, de argumentos raciocinados sobre as questões éticas na economia do bem-estar. Assim, em nosso tempo, a questão de quais são as diferenças entre juízos “fatuais” e juízos “de valor” não é um assunto da “torre de marfim”. Podem estar em jogo – literalmente – questões de vida ou morte.

Os primeiros três capítulos deste volume, que consistem das Conferências Rosenthal que proferi na Universidade de Northwestern em 2000, detalham o questionamento da dicotomia entre fato e valor, tal como foi historicamente desenvolvida e defendida, explicando sua significação para a economia. Porém, na primeira conferência (capítulo 1), discuto, em um contexto mais geral, o fenômeno da elevação, pelos filósofos, de distinções aparentemente inofensivas a dicotomias absolutas. Em particular, mostro como a ideia de uma dicotomia absoluta entre “fatos” e “valores” foi, desde o início, dependente de uma segunda dicotomia, que não é familiar para a maioria dos que não são filósofos, a dicotomia entre os juízos “analíticos” e “sintéticos”. “Analítico” é um termo introduzido por Kant para o que a maioria das pessoas chama verdades “definicionais”, por exemplo, “todos os solteiros são não casados”. O positivista lógico afirmava que a matemática consiste de verdades analíticas. “Sintético” era o termo de Kant para as verdades *não* analíticas e ele tomava como certo que as verdades sintéticas enunciam “fatos”. Sua afirmação surpreendente era que a matemática era tanto sintética como *a priori*. Este livro tenta mostrar que essas duas

dicotomias, “juízos de fato *versus* juízos de valor” e “verdades de fato *versus* verdades analíticas”, corromperam nosso pensamento, tanto no raciocínio ético como na descrição do mundo, principalmente por impedir-nos de ver como a avaliação e a descrição estão interconectadas e são interdependentes.

A Segunda Parte inicia-se com um capítulo que é uma sequência natural das Conferências Rosenthal, descrevendo os primeiros embates de Sen em torno do tema fato/valor. O restante da Segunda Parte (e do livro) coleta alguns de meus ensaios e conferências recentes que complementam os argumentos da Primeira Parte em diferentes direções. O capítulo 5 contém uma crítica a uma das suposições (“completude”) da “teoria da escolha racional” na qual esteve baseada a maior parte da economia do século xx. Como verá o leitor que consulta as notas, a suposição de completude também esteve sob o ataque de Amartya Sen (e de alguns outros economistas e filósofos). Entretanto, na segunda parte do capítulo 5, afasto-me da economia pura e tento mostrar que a distinção amplamente discutida entre “razões internas” e “razões externas” para uma escolha, introduzida por Bernard Williams, é outro exemplo do que eu chamo “dicotomia” metafísica no capítulo 1 e de que ela também, ainda que mais sutilmente, está fundada na imbricação de fato e valor, a qual discuto no capítulo 2.

Nos capítulos 6 e 7, discorro sobre duas questões que tratam dos fundamentos da ética. O capítulo 6 considera a questão de como uma crença na objetividade do juízo ético deve ser defendida quando se recusa (como eu faço) postular qualquer reino especial “platônico” de “propriedades éticas”. Argumento que se pode encontrar uma base para uma visão completamente não platônica nos escritos de John Dewey. No capítulo 7, considero a posição de Jürgen Habermas, que

traça uma nítida distinção entre as “normas” éticas universais e os valores não universalizáveis e argumenta que somente as primeiras – as “normas” – são objetivas. Considerando que são “valores” e não “normas” os benefícios que os economistas e os filósofos que seguem Sen pensam que devemos tentar classificar, ainda que hipotética e falibilisticamente (por exemplo, longevidade, saúde, acesso à educação em diversos níveis, a oportunidade de criar e usufruir obras de arte etc.), isso novamente implicaria que Sen está pedindo que realizemos a tarefa impossível de raciocinar sobre o que é meramente subjetivo ou, pelo menos, totalmente relativo à cultura. Argumento, mais uma vez, que temos aqui uma dicotomia indefensável e que, de fato, a objetividade que Habermas postula para as normas *pressupõe* a objetividade de, pelo menos, alguns valores.

Desde o capítulo 2, argumento (seguindo Peirce e outros pragmatistas clássicos) que a própria ciência pressupõe valores – que valores epistêmicos (coerência, simplicidade e similares) também são valores e estão no mesmo barco com os valores éticos, no que diz respeito à objetividade. O capítulo 8, meu capítulo de encerramento, desenvolve esse argumento olhando para a filosofia da ciência do século xx e para a triste história de sua tentativa de evadir-se da questão.

Para continuar a leitura compre seu exemplar pelo email
vendas@scientiaestudia.org.br

ÍNDICE DE TERMOS

A

- Absoluto 66, 68, 72, 164, 175
Ação 33, 62-5, 109, 111, 114, 127-30, 137, 189
 comunicativa 164-8, 177-8, 183, 186-7
Amor-próprio 78, 173, 185, 189
Analítico 16, 22-40, 51-3, 94-5, 103
Antirrealismo 140, 180-1, 208
A priori 16, 23, 26, 29, 35-6, 145, 155, 199
Assertividade garantida 153, 155, 157-60, 162
 (ver Justificação)
Autonomia 125-6
Autoritarismo 167, 194
Avaliação 17, 50-1, 61-5, 79-80, 87, 93-4, 96-9, 112, 144, 161, 164
 (ver Valor; Juízos de valor)

B

- Bem-estar 11, 16, 71, 75-7, 79, 83-9, 91-6, 110
 econômico 90-2, 97-8
Bom 31-4, 39, 58-61, 70, 82-3, 94, 108, 121-3, 134, 152, 164, 174
Bravura 65

C

- Capacidade 11, 63, 79, 82, 89-93, 97, 110, 140, 180
Causação 42
Ceticismo 56, 85, 132, 136, 149, 161, 166, 169, 173, 184

- Ciência 18, 40-5, 52-4, 58, 66-9, 98, 139, 150-1, 154, 160, 181-2, 188, 192, 197-9, 201, 205-11
 filosofia da 191-2, 197-8, 203, 210
Conceito 45, 62, 64-5, 84, 150, 176-7, 179, 187
 (ver Ideia)
 ético espesso 63, 136, 176
 ético fino 94, 135, 177
Conhecimento 22, 40, 60, 70-2, 85, 135, 146, 153, 191-2, 198-9, 204, 209-10
Contextualismo 192
Convenção 23, 27-8, 53, 200, 201
Crime 21, 32-3, 37-40, 59, 65
Crueldade 46-7, 58-9, 65, 137, 172, 185
Cultura 18, 24, 72, 136, 147, 175, 207-8

D

- Democracia 72, 88, 93, 147, 167
Descrição 17, 35, 46, 50, 55-8, 69, 70, 95-9, 109-11, 152-3, 183, 193
Desejo 69-70, 85, 92, 108, 131, 134, 138, 173, 191
 satisfação do 92
Dever 60, 94, 133, 163, 173
Dicotomia vs. distinção 21, 24, 37, 51, 94-5
Distinção 21-5, 31, 33, 38, 95
 analítico/sintético 22-4, 31, 33, 37-8, 51-2, 94

O colapso da dicotomia entre fato e valor

- fato/valor 23-4, 33, 34-9, 51,
94-5, 146
- Direito 88, 100, 153-6, 159-60
- Dualismo 24-6, 40, 95-6
- E**
- “É” vs. “deve” 23, 30-4, 51, 153
- Economia 11-2, 15-7, 21, 23, 73,
75-80, 83-90, 94, 96-
9, 112
- Egoísmo 79, 132, 136-7, 167-8
- Emoção 60, 151, 184-5
(ver Sentimento)
- Empirismo 24, 28-9, 45, 49, 53,
201, 211
- Epistemologia 11, 36, 200-3, 209-
10
- Escolha 17, 55, 79-80, 86-8, 98,
112, 119-25, 128-30,
132-3, 136, 201-2, 205
- Estética 25, 38, 58, 191, 197
- Ética 11-2, 17, 34-40, 44-5, 51,
53, 55, 59, 71, 75-7, 79,
85-6, 94-9, 106, 111-2,
134-41, 153-6, 159-60,
164-70, 177-9, 182-5,
187-95, 197, 199, 207
(ver Valor ético))
- discursiva 154, 164, 168-70,
176-80, 183-4, 186,
188-90, 193-5
- Experiência 41-4, 52-4, 64, 82-3,
91, 151-3, 155-6, 161,
187, 197, 200-1
- Experimento 27-8, 42, 44, 82,
154, 187, 206
- F**
- Falibilismo 160-1, 194
- Fato 11-2, 15-8, 21, 23, 27-36, 39-
45, 49-53, 58-60, 65-6,
69-71, 75, 95-6, 109,
111, 117, 146, 151-2, 159,
168, 172, 181, 199-201
- Fato/valor 17, 23-5, 30, 34-41,
45, 49, 53, 58-9, 66-7,
70-3, 75, 94-6, 99, 145,
150, 155, 189
- Fatorabilidade 63, 105
- Figura 32-3
- Física 27-8, 44, 47-8, 54, 58, 66-
7, 156, 174-5, 180, 182,
206, 209
- Florescimento humano 11, 165,
194
- Funcionalidade 89, 92-4, 97
- H**
- Hipótese 27, 54-6, 154, 192, 197,
203, 209
(ver Teoria)
- I**
- Ideia 32-3, 39
(ver Conceito)
- Imbricação 17, 23, 50-1, 58, 60,
62, 70, 73, 94, 109, 111
fato/valor 17, 23, 50-1, 58, 70,
73, 109, 111
- Imperativo 35, 96, 103-5, 107-13
- categórico 35, 164, 168
- Impressão sensível 41-2, 66
- Indiferença 21, 32, 120, 122-3
- Indução 72, 168, 203-4, 211
- J**
- Juízo 31, 33, 72, 87, 144, 151, 164,
172, 184-5, 190, 205-6,
208, 210

- analítico 16, 22, 26, 36
 avaliativo 106, 109
 carente de significado 85-7
 compulsivo 106, 112-113, 115
 de valor 15-7, 21, 23, 32, 34-5,
 37-8, 46, 49, 61, 71, 88,
 94-5, 98, 103-8, 112-7,
 135, 146, 153, 159, 161,
 165, 197-9, 210
 (ver Avaliação)
 ético 17, 25, 34, 36-8, 40, 43,
 69-70, 103-5, 135, 191
 normativo 12, 54
 prescritivo 104-6
 sintético 16, 22, 24, 26
 Justificação 56, 156, 160, 169, 182-
 3, 204, 208, 210
 (ver Assertividade garantida)
- L**
 Linguagem 11-2, 25, 29-30, 43-53,
 57-8, 68, 96, 100, 133,
 136, 139-40, 148-9, 160,
 164, 166, 179, 183, 189
 Livre vontade 124-7
 Lógica 22, 29, 36-8, 48, 52, 57,
 103, 107, 117, 145, 183,
 197, 205, 211
- M**
 Manipulação 166-8, 183, 186
 Matemática 11, 16, 22-3, 26-30,
 36, 52-3, 57, 72, 95
 Materialismo 48, 190
 Mercadoria 84, 86
 Metafísica 11-2, 17, 26-7, 31, 35-8,
 44, 47, 52, 66, 70-2, 94-5,
 128, 134, 137, 139-41, 147-
 50, 155, 175, 180-1, 203,
 207
- Moralidade 30, 85, 115-6, 164, 187
 Motivação 77-8
 Mundo da vida 165
- N**
 Não cognitivismo 39, 68, 70-1,
 103, 105, 135, 207
 Naturalismo 170, 190, 193
 Norma 18, 163-70, 174, 176-7,
 179, 182-6, 188
 Normatividade 54
- O**
 Objetividade 17-8, 38, 55-7, 136,
 140, 147-8, 160, 193-4,
 208
 Obrigação 60, 94, 164, 192
 Observação 25, 30, 43-9, 52, 58,
 151, 154-5, 172, 201-6,
 211
 (ver Percepção; Sentido)
 Otimização de Pareto 86, 88
- P**
 Percepção 150-1, 160, 172, 187
 (ver Observação; Sentido)
 Positivismo 22-3, 25, 30, 38, 40,
 88, 95-6, 153, 165, 193
 Positivismo lógico 12, 24, 22-7,
 35-6, 38, 40, 42-4, 45,
 48-9, 51-4, 58, 66, 69,
 75, 80, 85, 95, 111, 172,
 191
 Pragmatismo 18, 54, 151, 154-5,
 160-1, 198, 210-1
 Predicado 22, 37, 41-6, 48-9, 52,
 58, 60, 159, 201-2
 Preferência 69, 71, 119-26, 134,
 144-5, 164-5
 (ver Teoria da Decisão)

O colapso da dicotomia entre fato e valor

Prescrição 103, 105, 109-10, 112
Prescritivismo 103, 105-6, 108,
110, 112
Privação 89-92, 152
Problemas 26, 36, 39, 44, 89-90,
99, 110, 165, 182-4,
203, 205
solução de 144
Psicologia 48-9, 81, 145, 151, 169,
173, 202, 211

R

Razão/racionalidade 12, 15, 36, 38,
56, 61, 79-81, 88-91,
93, 97, 101, 119, 126-7,
131-3, 136-7, 145, 151,
155, 171-4, 176, 183,
189, 210
Razoabilidade 54, 197, 205, 210
Razões 17, 131-8
desejo de 131, 138
internas/externas 17, 132-8
Realidade objetiva 146-7
Realismo 140, 146-9, 159, 165-6,
170, 180, 182, 208
Relativismo 68, 70-2, 138, 176,
192, 207
Representação 149-50

S

Sentido 21, 32, 41, 51, 150-1, 200
(ver Observação; Percepção)
Sentimento 21, 32-3, 35-7, 39-40,
47, 62, 81-2, 126, 151,
172, 192
(ver Emoção)
Significado 25, 40, 45, 63, 66, 71,
83, 85-7, 95, 105, 110-1,
164

Sintético 16, 22-33, 36-7, 40, 51-
2, 94-5, 103
Soberania 143
Solidariedade 147-8, 208
Subjetividade 11

T

Tautologia 22-3, 95
Teoria 11, 17, 23, 28, 32, 52-3, 58,
66, 73, 75-81, 114, 120,
123, 126, 145, 150, 164,
169, 178, 180-2, 186-7,
192, 197, 201-2, 205-6,
209
(ver Hipótese)
da decisão 106, 119, 120, 122,
137
(ver Preferência)
seleção de 54-5
Teóricos do erro 60, 70-1
Termo 46-7, 49, 105, 111
teórico 46-7, 49
de observação 46, 49

U

Utilidade 84-8, 119-21, 191
Utilitarismo 81, 89-93, 98, 117

V

Validade 51, 57, 72, 114, 143, 163,
175, 179-80, 183, 188
Valor 15-8, 21, 23-4, 38, 51, 53-8,
71, 75, 80, 82, 95, 98,
106, 111, 113, 126, 130-
1, 134, 136, 138, 143-6,
151-3, 163-8, 170-7,
182, 189-95, 197-202,
205-11
(ver Avaliação)
básico/não básico 113-6

- epistêmico 18, 54-8, 192, 205-8
- ético 18, 55, 58, 98, 192-4, 207
(Ver Ética)
- Verdade 15, 27-8, 35, 55-7, 68,
114, 135-6, 153, 155-61,
166-7, 173, 175, 177-83,
186-7, 202
- analítica 22, 34, 57, 103
- Verificação/verificabilidade 37,
43, 98, 111, 180, 182

ÍNDICE DE NOMES

A

- Anderson, E. 61, 70, 107-8
Apel, K. O. 178-80, 182-4, 186-8,
190
Aristóteles 12, 70, 89
Arrow, K. 88, 120
Aumann, R. J. 119
Austin, J. 161
Ayer, A. J. 105, 112, 114-5

B

- Bentham, J. 81
Berkeley, G. 41, 66

C

- Campbell, N. 44
Carnap, R. 25, 29-30, 36-40, 42-
8, 53-4, 192, 200, 204-5, 211
Churchland, P. 48
Churchman, C. W. 198
Círculo de Viena 36, 42

D

- Davidson, D. 48, 127, 145
Descartes, R. 67, 158
Dewey, J. 17, 24, 26, 54, 72, 81-
3, 95, 115, 135, 140-1, 144-7,
150-4, 157, 161, 172, 181, 183,
190, 194, 197
Diamond, C. 177

E

- Edgeworth, F. Y. 84
Einstein, A. 206, 209

F

- Firth, R. 55-6
Foot, P. 59, 61, 63
Frege, G. 22, 26, 179

G

- Georgescu-Roegen, N. 119
Goldman, A. 209

H

- Habermas, J. 17-8, 145, 163-70,
176-9, 184, 186-90, 193-4
Hare, R. M. 51, 59-65, 70, 96,
103-9, 112-3, 115
Herman, B. 35, 168
Hobbes, T. 143
Hume, D. 15, 21, 29-42, 50-1, 59-
60, 65-6, 95, 126, 204

J

- James, W. 54, 146-7, 178, 190,
197-8, 200
Jevons, W. S. 84-5

K

- Kant, I. 16, 22-3, 26-9, 35, 37,
145, 150, 164, 168, 170-1, 173,
189
Kohlberg, L. 60
Korsgaard, C. 35, 166, 168, 170-6,
189

L

- Levi, I. 120-2, 128, 130, 135
Lewis, C. I. 48-9, 204
Locke, J. 41
Lyotard, J. F. 189-90

M

- Mackie, J. 59-60, 64-6, 69-70,
96, 156
Marshall, A. 84

O colapso da dicotomia entre fato e valor

McDowell, J. 59, 63-4, 96, 140,
150, 159, 174
Milgram, E. 32, 33
Moody-Adams, M. 71, 169, 207
Moore, G. E. 187
Morgenstern, O. 120-1
Murdoch, I. 59, 63, 65, 96, 151,
160-1, 165, 172, 188

N

Nagel, E. 203, 210
Neumann, J. 76, 86, 119, 121
Newton, I. 41
Nozick, R. 82-3, 90, 98
Nussbaum, M. 89-90

P

Peirce, C. S. 18, 54, 146, 151, 155,
178, 180, 182-3, 187, 197, 203
Pigou, A. C. 84, 87
Popper, K. 54, 205-6, 211
Putnam, R. A. 115, 145, 153-4,
178, 194

Q

Quine, W. v. O. 23, 27-9, 52-3, 96,
193, 199-202, 205-6, 211

R

Rand, A. 167-8
Rawls, J. 35, 90, 98, 164, 168
Reichenbach, H. 36, 38, 42, 115,
199, 202-4, 210-1
Ricardo, D. 76
Richter, M. K. 119-20
Ricketts, T. 45
Robbins, L. 16, 85-6, 94-5, 97,
99, 112, 115-6
Rorty, R. 136, 138, 145-9, 178,
207-8

S

Scanlon, T. M. 119, 132
Sen, A. 11-3, 16-8, 23, 73, 75-81,
83, 86-94, 97-9, 103-17, 119-
20
Singer Jr., A. E. 198, 204
Sleeper, R. 146-7
Smith, A. 75-8, 80, 94
Sócrates 65, 71, 110-1
Sonnenschein, H. F. 119
Sraffa, P. 76
Stevenson, C. L. 32-3, 38, 40, 135

W

Walsh, V. 12, 45, 53, 68-9, 76-8,
85, 89, 94, 99, 104, 119-20,
122, 126, 201
Weber, M. 97, 98, 150, 154
White, M. 53, 199, 201
Wiggins, D. 59, 156
Williams, B. 17, 62-3, 66-9, 71-2,
132-8, 140, 156, 174-7, 179,
193
Wingrave, O. 136
Wittgenstein, L. 22, 36, 130, 140,
184-5

QUEM SOMOS?

A ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA nasceu em 2004, fundada por um grupo de pesquisadores e estudantes movidos por questionamentos sobre os modos de conduzir e produzir ciência no mundo. Em mais de uma década de existência, consolidou-se editorialmente com 60 volumes do periódico latino-americano homônimo, mais de 25 títulos e algumas incursões no universo das artes gráficas e visuais. Entre os livros, artigos, resenhas e documentos científicos já publicados encontra-se a constante reflexão sobre a forma pela qual o conhecimento científico e as tecnologias devem ser utilizados, de modo a assegurar que os direitos, o bem-estar e as condições de participação democrática sejam fortalecidos e que a natureza e seus poderes regenerativos sejam respeitados e restaurados.

Mais recentemente, além de contribuir com a reflexão filosófica sobre a ciência, a Associação também abarcou outras áreas de pensamento em suas publicações, como a ética, a epistemologia e a filosofia analítica, além de traduções com aparatos críticos. O objetivo segue sendo o de publicar investigações originais de autores nacionais e traduções para a língua portuguesa de obras que, embora relativamente recentes, já se tornaram clássicas. Acreditamos que nossa missão é contribuir para o debate público sobre temas e problemas filosóficos e científicos que não só ainda são prementes em nossos dias, como em muitos casos se mostram urgentes de serem revisitados.

SAIBA MAIS EM www.scientiaestudia.org.br

facebook.com/ScientiaeStudia/

instagram.com/scientiaestudia/

ENTRE EM CONTATO PELO E-MAIL secretaria@scientiaestudia.org.br

TÍTULOS DA COLEÇÃO DE ESTUDOS SOBRE A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

A ciência e a hipótese, de Henri Poincaré, 2024.

Entre conhecimento e valores, org. por Pablo Rubén Mariconda, 2023.

A mercantilização da ciência, de Marcos Barbosa de Oliveira, 2023.

Valores e atividade científica 3, de Hugh Lacey, 2023.

Construtivismo crítico: uma filosofia da tecnologia, de Andrew Feenberg. 2022.

Galileu e a nova física, de Pablo R. Mariconda e Júlio Vasconcelos. 2020.

O desenvolvimento moderno da filosofia da ciência (1890–2000), de Carlos Ulises Moulines. 2020.

Ensaio de filosofia da ciência, de Pierre Duhem. 2019.

Clínica e resistência: contribuições da racionalidade vitalista de Camguilhem ao campo da saúde, de Adriana Belmonte Moreira. 2019.

Veredas da mudança na ciência brasileira. Discurso, institucionalização e práticas no cenário contemporâneo, de Maria Caraméz Carlotto. 2013.

Ensaio de sociologia da ciência, de Robert K. Merton. 2013.

Função e desenho na biologia contemporânea, de Gustavo Caponi. 2012.

Georges Cuvier: do estudo dos fósseis à paleontologia, de Felipe Faria. 2012.

TÍTULOS DA COLEÇÃO DE ESTUDOS SOBRE A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano, de Galileu Galilei. 2011.

Valores e atividade científica 2, de Hugh Lacey. 2010.

A geração dos corpos organizados em Maupertuis, de Maurício de Carvalho Ramos. 2009.

Valores e atividade científica 1, de Hugh Lacey. 2008

Controvérsias sobre a ciência. uma sociologia transversalista da atividade científica, de Terry Shinn & Pascal Ragouet. 2008.

Ciência e metafísica na homeopatia de Samuel Hahnemann, de Regina Andrés Rebollo. 2008.



Este livro foi editado e composto em Filosofia, no verão de 2024, e impresso em papel pólen 80g/m² pela Eskenazi Indústria Gráfica.